

## MEMÓRIAS DOS TEMPOS DE JOGAR E REZAR: RELAÇÕES DE SOCIABILIDADES E CONSTITUIÇÃO DE URBANIDADES EM ROLIM DE MOURA/RO

*Elton Alves da Cunha<sup>1</sup>*

*João Maurício Gomes Neto<sup>2</sup>*

### RESUMO

O presente artigo busca mapear as relações de sociabilidades construídas entre os migrantes que se descoloraram para Rolim de Moura/RO, em meados da década de 1970 e início dos anos 1980. Diante de tal temática, desejou-se saber como se davam as relações de sociabilidades entre esses migrantes, de forma a organizar e reunir informações para ampliar a compreensão a respeito da migração e estabelecimento daquela população nessa espacialidade. Para tanto, se empregou como métodos a revisão de literatura sobre o tema e a História Oral. Entendemos que tal pesquisa justifica-se por sua relevância acadêmica ao buscar conhecimentos sobre a história dos migrantes e a construção de urbanidades, visando explicitar o contexto de formação e o modo como interagiam numa espacialidade que era nova para eles, de forma a compreender a partir das experiências narradas, como interagiram, constituíram usos e conferiram sentidos àquela municipalidade em formação.

**Palavras-chaves:** Sociabilidades. Migração. Urbanidades.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia/UNIR.

<sup>2</sup> Mestre em História e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia/UNIR – *Campus* de Rolim de Moura.

### **Preâmbulo: Indivíduo, sociedade e sociabilidades.**

Um dos modos de procurar entender a complexidade imbuída na sociedade é observarmos as relações de sociabilidade que nela são edificadas. Os meios de sociabilidades atuam construindo redes que conectam as pessoas de formas múltiplas e sutis, tendo a vida em sociedade, a construção de consensos e a resolução ou o adensamento de determinados conflitos, como parte desse processo.

Cenários como esses são perceptíveis a partir da investigação sobre as redes de sociabilidades que tecem e traçam o espaço urbano, configurando novos territórios, relações de pertencimento, identidades (SANTOS, 2006).

Cabe ponderar que as relações sociais não são meramente “tijolos” que compõem a sociedade; elas também contribuem para a construção de identidades, tanto de indivíduos quanto de grupos que compõem o complexo tecido ao qual chamamos de sociedade, assim indivíduo e sociedade se afetam de formas complexas. (TOMAZI, 2010).

A malha tecida em sociedade de modo algum é imutável; ela metamorfoseia-se incessantemente, tal como as dunas das areias de um deserto. Sem exagero, poderíamos comparar a sociedade com um órgão e a sociabilidade com o modo como ele funciona; os papéis sociais e suas funções, as relações de poder e suas implicações, as práticas sociais e suas sutilezas, tudo parece ocorrer por meio de relações de dependência em uma sociedade em constante mutação (ELIAS, 1994).

[...] seja lá qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com o de outras pessoas; desencadeará outras sequências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda esta rede humana móvel (ELIAS, 1994, p. 48).

Desse modo, fica claro também ser inadequada ou pouco produtiva, em termos acadêmicos, a dicotomia ou separação entre o indivíduo e a sociedade.

Nesse sentido, estamos em acordo com Norbert Elias, o qual defendeu veementemente a ideia de que indivíduos e sociedade estão irremediavelmente integrados, e para tentar expressar isso de maneira mais adequada, elaborou o conceito *configuração* (TOMAZI, 2010).

Dentro dessa perspectiva, as relações sociais e os indivíduos são entendidos como estando dentro de uma *configuração* – um todo que não pode ser apreendido pela separação de suas partes. A ideia de *configuração* busca descrever a dinâmica do real, de forma a evitar segregações ou dicotomias. Não se pode entender o todo ao segregá-lo em suas partes, pois sozinhos os indivíduos não constroem relações sociais; deve-se analisar, assim, a *configuração*, as relações que em sociedade os indivíduos estabelecem entre si. (ELIAS, 1994).

Portanto, para este autor, não existe separação entre indivíduos e sociedade, visto que são percebidos tais como partes de um mesmo *continuum*. É a *configuração* que deve ser entendida; se assim não o for, a dinâmica da realidade é perdida.

O conceito de *configuração* de Elias pode ser aplicado tanto a pequenos grupos como para sociedades inteiras (TOMAZI, 2010 apud ELIAS, 1994) e na presente pesquisa, contribui na análise das relações construídas entre os sujeitos que migraram de várias regiões do país para a espacialidade em tela e nela deram guarida a novas sociabilidades, constituíram territórios.

Em suma, o pensamento de Norbert Elias acerca dos indivíduos e da sociedade é holístico, ou seja, busca a compreensão do todo, sugerindo que a tentativa de entender a dinâmica do real pela separação das partes resulta em prejuízos ao entendimento de ambos. Para ele apenas a visão do todo é de fato reveladora.

Entende-se aqui que a concepção de *configuração* de Elias (1994) dialoga de forma bastante profícua em relação à presente investigação, uma vez que procura evitar o abismo ou distanciamento aparente entre o individual e a coletividade da qual faz parte.

Essa percepção deriva da ideia de que muito daquilo que se atribui à autonomia e ao arbítrio do indivíduo dificilmente foge de atuações construídas, pactuadas em consensos pelas funções e papéis sociais desempenhados pelos sujeitos na arena social que é a cidade.

Nesse sentido, é importante considerar que a sociedade é determinada em certa medida pelos indivíduos que a compõem. E que nessa relação de recíproca de dependência entre indivíduo e sociedade, assim os meios de sociabilidades firmam-se como elementos que nos permitem compreender parte do jogo de aproximações e distanciamentos entre um e outro, de forma a ser perceber como os sujeitos constroem redes de pertencimento, edificam e dão sentido à urbanidade.

### **Relações de sociabilidades entre migrantes Rolim de Moura/RO**

Ao nos debruçarmos sobre os relatos orais coletados durante a pesquisa, identificamos que as relações de sociabilidades construídas entre os migrantes que se deslocaram para Rolim de Moura/RO, sobretudo no período entre 1975 e 1985, foram marcadas de maneira significativa pelas práticas desportivas, principalmente no futebol; bem como pela criação da comunidade católica. É o que nos permite inferir a guisa de exemplo, o entrevistado Uberto Selhorst<sup>3</sup>, ao afirmar que a comunidade católica tinha surgido antes mesmo que o próprio campo de futebol: *A princípio, né? os primeiros contatos eram diretos nas casas, né! Para se conhecer, era direto. Continua: Depois passou para a questão comunitária, que... aí começou a se construir igrejas e... e também junto veio justamente a questão do futebol.*

Ainda em relação aos primeiros contatos entre imigrantes, a entrevistada Maria Aparecida Silva<sup>4</sup> complementa: *E tudo começou com a comunidade. Os mesmos membros da comunidade, os fundadores, também*

---

<sup>3</sup>Uberto João Selhorst, imigrante vindo do Paraná para Rondônia em 1976, chegando à espacialidade em 1980.

<sup>4</sup>Maria Aparecida da Silva, imigrante vinda do Paraná para Rondônia em 1974, chegando à espacialidade em 1979.

*sentiram a necessidade de criar algo que levasse, né! Os moradores que estavam chegando aqui a ter um lazer.* Seguindo neste contexto José Carlos Silva<sup>5</sup>, atesta:

Bem, como nós chegamos aqui em 79, vindos de diversas regiões, nós começamos a trabalhar em comunidade, né? Mas tarde viemos formar um campo de futebol, com a chegada de muita gente, formamos uma comunidade. [...] Primeiro, os moradores... nós conhecíamos na estrada, quando pegamos o cartão do INCRA, né? Então aí [se] formavam os grupos pra poder vim abrir o lote, né? E depois, na [ação] seguinte, mudamos pra cá, e aí começamos a se reunir nas casas, até vim formar uma igreja, uma comunidade, né? Então aí nós participávamos desse jeito. (SILVA B, 2014).

Os relatos de Uberto Selhorst, Maria e José Carlos, provavelmente por serem moradores que presenciaram os primórdios da linha<sup>6</sup>, apresentam o surgimento da comunidade religiosa e do campo como sendo eventos indissociáveis, revelando a construção de uma *configuração* de relações sociais em rede e em situações diferentes, conforme versa o pensamento de Norbert Elias (1994). Estes entrevistados também relataram que as primeiras relações se deram entre vizinhos, e deixaram implícito que outros tipos de relações surgiram depois. Essas relações, por sua vez, vão conferir sentidos à urbanidade em formação.

No que se refere ao ambiente futebolístico, como elemento e meio que propiciava a construção destas relações de sociabilidades, nota-se um consenso entre os entrevistados, o que denota o lugar social ocupado pelo futebol como um elemento significativo da cultura brasileira contemporânea, em que grande parte da população dele se apropriou para firmar suas relações sociais, (GASTALDO, 2006). Na espacialidade em que estava e no recorte temporal desta pesquisa não foi diferente, como afirma Uberto Selhorst (2014):

---

<sup>5</sup> José Carlos da Silva. Imigrante vindo do Paraná para essa espacialidade em 1979.

<sup>6</sup> Linha é denominação que recebem as “entradas” que demarcavam e constituiriam os lotes de terras distribuídas pelo INCRA durante o processo de migração para Rondônia, no recorte temporal em questão. Com o passar do tempo e o adensamento do processo migratório ocorrido principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, várias cidades foram se constituindo no decorrer das linhas. Este é o caso do município de Rolim de Moura.

Eu acredito que se a gente for pegar, é... assim... dum lado, duma maneira mais ampla, eu acho que o futebol ajudou muito. Ajudava, e às vezes até no mesmo tempo, pelo fato de sangue está quente na hora do jogo, às vezes né, você arrumava encrenca, mas no contexto todo dá, dá, né! Da conjuntura, vamos dizer assim, eu acho que o futebol foi um grande aliado na questão das pessoas se interagirem, igual no princípio quando nós entramos aqui. A gente era pessoas de vários pontos do país, né! E a gente, eu pelo menos, eu como, eu dou meu depoimento como realmente quem, quem começou o primeiro campo de futebol aqui da linha foi eu. Nós começamos lá na frente de onde era a primeira igreja, né? E fizemos um “campinho” lá, e aí ficou um tempo lá e aí depois viemos pra qui, [onde] também foi tudo feito na mão, pode-se dizer, aí até que no fim conseguimos um trator de esteira e quando foi fazer a primeira estrada aqui, aí o trator fez [o campo] pra gente. Mas, a princípio como eu disse, era pra lazer, né? Mas, tudo leva, quando você pega, por exemplo, juntar pessoas, você acaba interagindo na questão conhecimento, na questão de sociabilidade. Tanto que a gente saía para lugares longe, né? Pra jogar bola. Então além de você conhecer o povo da linha, você passava a conhecer pessoas de outras localidades.

O entrevistando José Carlos, ao reafirmar a importância do futebol como elemento de sociabilidade em Rolim de Moura, ressalta:

Foi muito importante, né? O, do, futebol, a, o esporte aqui na linha. Por quê? Porque ela já chegou um pouquinho depois da comunidade, porque na época era uma tocajada danada, né? Pra fazer um campo, dava [muito trabalho], foi muito difícil. Mas começamos, aí era a única, assim, digamos, diversão do pessoal brincar, nós vinha jogar bola e a criançada ia, mais as esposas, as mulheres também estavam sempre por ali, se encontrando. [...] A gente ia jogar na, nas outras linhas, no... no... na época era difícil o transporte, às vezes até a pé nós íamos, né! [...] Muitas vezes, nós saíamos de bicicleta, a cavalo aí, pa... pa... [para] ir jogar nos outros campos. Então foi muito bom (SILVA B, 2014).

É interessante o fato de que para alguns dos entrevistados, conforme se percebe em seus relatos, o que denota a construção da comunidade é o ato normativo que a cria, territorializa<sup>7</sup>, delimita o espaço dentro de um escopo, digamos, jurídico, legal. É o que se faz perceber nos relatos do Uberto Selhorst e do José Carlos. Eles claramente percebem a ideia de comunidade e, por

---

<sup>7</sup> O conceito de território aqui empregado não se refere ao espaço natural como se esse tivesse existência em si ou *a priori*. Compreendemos, a exemplo de Milton Santos, que as ações humanas constituem o espaço, constroem identidades a partir de relações de pertencimento: “O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar de residência, das trocas materiais e do exercício da vida. (SANTOS, 2012, p.140)”.

consequente, de sociedade, como algo criado oficialmente por um poder que em determinada medida seria estranho, alheio a eles, geralmente percebido como o “estado”. Assim, primeiro teria se criado a comunidade, depois o futebol e as relações de sociabilidade ensejadas por esta prática esportiva foram aplainando, construindo o terreno para as relações que seriam estabelecidas depois.

Grandão<sup>8</sup> é ainda mais incisivo, atestando que foi através do futebol que passou a se interagir e relacionar com os demais migrantes: “Foi o futebol, através do futebol, através do futebol que eu passei a conhecer os amigos aqui e [o] conhecimento, aí fiquei passando conhecimento de todo mundo aqui da linha através do futebol”. (GRANDÃO, 2014).

A entrevistada Maria Aparecida, presença feminina nesta pesquisa, traz outras contribuições no que se refere às relações de sociabilidades construídas pelos migrantes, ao afirmar que o futebol, além de propiciar o lazer e entretenimento, servia de atividade física para os migrantes:

Tinha, um momento de lazer que era se divertir como... com as pessoas que tinham, que jogavam bola, nesse, nesse campo, né! Que era assim, muito simples, mas era, era, pra, pra comunidade, era, tinha grande valor que era onde todos podia se encontrar aos finais de semana, sábado e domingo, aonde que as pessoas tava ali se interagindo, conversando, colocando, né? A, as coisas, as conversas em dias, e aonde que os, os, os jogadores, né? Jogavam seus, seu futebolzinho, e tava pronto pra iniciar uma nova semana aí, até com exercício físico, né! (SILVA A, 2014).

Maria Aparecida afirma que o futebol não era somente praticado pelos homens, mas também por elas, mulheres. Além disto ressalta que em volta do campo, neste ambiente futebolístico, havia outras brincadeiras e atividades lúdicas, principalmente entre mulheres e crianças, além dos flertes entre os jovens:

[...] olha, algumas vezes até nós mulheres encarava a bola também, viu! Era bem legal, assim, além de que a gente se encontrava ali com

---

<sup>8</sup> O entrevistado optou por não se identificar, por este motivo aqui será designado ficticiamente como Grandão. Imigrante vindo do Paraná para Rolim de Moura em 1983.

os amigos, né! A juventude estava ali, né! Se divertindo também... era aonde que os jovens, nós se encontrava também, né! Até pra se conhecer, namorar, saía até namoro... namoro ali do, em volta do campo, mas a gente às vezes, é... às vezes a gente também entrava nesse campo e jogava uma bolinha também. (SILVA A, 2014).

Deste modo se percebe que embora o futebol seja um ambiente de predominância masculina, as mulheres também participavam propiciando um ambiente de possibilidades a demais atividades lúdicas, ou seja, tem em sua essência o lazer e o prazer provocado pela interação entre os migrantes.

A esse respeito, Gastaldo (2006) ressalta se que a palavra “lúdico” é uma variação da palavra “ludos”, que do Latim significa “jogo”. O mesmo autor aponta que nas relações de sociabilidade existe uma espécie de jogo implícito, tanto o é que define sociabilidade como “jogo da vida social”. Nesse viés os jogos, como o futebol, teriam também a função de representar uma natural competição que já existe entre as pessoas nas suas relações sociais. Além do mais, a atividade mais diferente na qual os imigrantes poderiam se empenhar era o futebol, pois era uma atividade “[...] de prazer, distinto das coisas “sérias” da vida cotidiana, este frágil refúgio das agruras do mundo do trabalho [...]” (GASTALDO, 2006, p. 3).

...o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”. (HUIZINGA, 1971 *apud* GASTALDO, 2006, p. 2-3).

Maria Aparecida adensa essas percepções concernentes a outras relações de sociabilidades que se davam fora do ambiente futebolístico, ao mesmo tempo em que eram propiciadas por ele, reafirmando a forte presença dos migrantes na comunidade católica e nas próprias casas dos mesmos:

[...] a comunidade foi aonde que contribuiu muito, né! Muito mesmo. É... mas, assim, na época também havia muitas visitas nas... entre as famílias. As famílias se visitavam muito, e a... ali tinham os encontros,

né? É... às vezes, é... tinha vez que a gente até... saía um forrozinho, né! Com a... na época a gente falava radiola, né! Que a radiola da época, e então saía até um, um forrozinho, o pessoal se encontrava ali, outros jogavam baralho, né! Então enquanto uns gostavam da dança, estavam dançando, os outros estavam jogando baralho, outros estava prosiando, né! Então, sempre, sempre contribuiu. A comunidade foi assim um grande contribuidor na, nesse, nessas relações sociais aí. (SILVA A, 2014).

Desse modo, a exemplos do que problematiza Norbert Elias, criou-se uma configuração em que processos de interação social se relacionavam entre si de muitas e dinâmicas formas, sendo o futebol um dos núcleos fundamentais para a manutenção daquela rede social.

Algo que torna interessante aquele contexto é o fato de que aquelas pessoas possuíam culturas diferentes, trazidas da sua terra natal, mas mesmo assim houve, como sugerem os relatos, facilidade para que formassem um grande grupo. Gastaldo (2006) apresenta a prática do futebol como sendo parte da cultura geral dos brasileiros, o que talvez tenha facilitado a interação de pessoas vindas de tão distintas regiões, visto que além da sociabilidade que a prática possibilita, este esporte é reconhecidamente um elemento constituinte da chamada identidade brasileira. Era assim, um elemento comum, que servia ao sentimento de pertencimento num espaço onde todos vinham de outra espacialidade e tinham experiências distintas, ainda que os sonhos, os anseios fossem em alguma medida, um ponto de encontro entre eles.

Os meios pelos quais a sociabilidade se constrói permitem que indivíduos troquem experiências e modifiquem a sequência futura das cadeias de relações sociais, transformando não apenas histórias de vida individuais, mas toda a história de uma sociedade (ELIAS, 1994).

Assim como a memória, as redes de relações sociais não são eternas; elas duram enquanto durar determinadas condições. Existem, desse modo, condições mantenedoras das relações de sociabilidade. Se determinadas situações mudarem, várias relações de sociabilidade podem esvanecer e outras se formarem. Esse é um processo que está atrelado a dinâmica, as circunstâncias vivenciadas, construídas entre os grupos sociais diversos.

Esta aproximação entre a construção de relações de sociabilidades e a memória é possível na presente pesquisa, haja vista o fato de ambas expressarem a individualidade dos sujeitos envolvidos na trama, a partir das experiências construídas frente às coletividades. Qual seja, é por meio das memórias publicizadas por esses sujeitos que mapeamos sociabilidades construídas nesse processo.

Neste, cabe ponderar as concepções de memória e história ora delineadas, visto que não as entendemos como “resgates fiéis de fatos do passado”, mas sim enquanto uma interpretação ou (re) elaboração dos mesmos (FREITAS, 2002). Michael Pollak define a memória nos termos seguintes:

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 201).

Contudo, seria precipitado afirmar categoricamente que a memória é um fenômeno essencialmente mutante. A narração, por mais que seja um processo de reconstrução de fatos, também apresenta elementos fixos, identificados ao longo de relatos (POLLAK, 1992). Conceber estes elementos invariantes é tão importante quanto entender “o processo mutável da memória”.

Se destacarmos esta característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quando coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 201).

Segundo Pollack (1992) o “enquadramento da memória” possibilita ao indivíduo a construção da identidade social. O processo de publicização de

memórias é marcado também por não ditos, por esquecimentos e silenciamentos. Convém lembrar que o silêncio para Pollack (1992) se expressa em determinadas situações (acontecimentos) nas quais um indivíduo por questões inerentes a sua trajetória pessoal ou por colocar em “risco” a coerência de determinadas representações construídas por seu grupo de referência, acabam silenciando a respeito de algumas experiências, vindo a revelá-las somente em uma possível crise, seja pessoal (emocional) social, política ou econômica.

Para Pollack [...] “Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também alusões e metáforas, é moldada pela angustia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” [...]. Nos relatos apresentados pelos migrantes que entrevistamos são mencionados conflitos, caso tenham ocorrido, parecem ter sido plasmados, silenciados ou esquecidos nesse processo, ao mesmo tempo em que revelam o momento atual da comunidade, posto que essas memórias mais do que indicar ou localizar um passado, expressam vivências e experiências contemporâneas, é o olhar de hoje lançado sobre um tempo que a própria memória já não dá conta de expressá-la em sua inteireza. São memórias sobrepostas, somadas, misturadas entre várias temporalidades, sentimentos e experiências. Daí advém sua riqueza e complexidade.

Ao mesmo tempo, estes relatos expressam marcos ou pontos invariantes, os quais se fazem presentes nas falas dos entrevistados, ao se reportarem sobre as relações de sociabilidades na década de 1980 do último século, tal como lembra José Carlos, com um certo saudosismo idealizado, plasmado pela passagem do tempo, marcado provavelmente pelas teias e relações construídas no presente:

Da bastante saudade da, da reunião grande que a gente fazia, né! Era vizinho visitando vizinho, e né! Tinha reza no meio de semana. Então era todo mundo sempre se comunicando através dos terços, de reunião assim, né! Era, era muito bom. Um visitava o outro, e hoje não, hoje já é diferente, né! (SILVA B, 2014).

Seguindo neste cenário, principalmente no ambiente futebolístico, Uberto Selhorst (2014) ressalta: “Ah, o ambiente era sempre favorável, né! [...] Era uma coisa muito bonita, porque a gente via realmente que se juntava muita gente”. O que se confirma na fala de Grandão (2014) se referindo a este ambiente: “Muito bom. Quando chegava era satisfação pra todo mundo, maior festa. Era um brincando com o outro”.

## Considerações Finais

Trabalhar. Jogar. Namorar. Rezar. Sonhar. E o desafio de construir a cidade. Eram muitos os verbos e ações que homens e mulheres, oriundos de vários lugares do país ensejaram na experiência de migrar e constituir a cidade de Rolim de Moura/RO, nos anos de 1980. A partir das memórias, as histórias que se contam hoje, numa espécie de saudosismo encantando pelos tempos idos, dão conta de sociabilidades construídas por meio do futebol jogado nos campinhos de terra batida, cercados de plateia atenciosa; das idas à igreja para professar a fé e na intenção de reduzir os fardos, o peso das responsabilidades mundanas; dos jogos de baralho regados a contos de causos e nisso tudo, para além do esporte e das orações, se colocavam os olhares que iniciaram namoros, as brincadeiras que edificaram amizades, as relações que suplantaram em alguma medida o desafio de habitar um lugar até então desconhecido. Eram sociabilidades que buscavam em suas várias nuances, vencer o medo do estranho, da solidão nas novas terras e construir o sentimento de comunidade no território em formação.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, Nair. Processos migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura. **Linha d'Água**, n. 25 (1), p. 87-107, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREITAS, Sônia. **História Oral: Procedimentos e possibilidades**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

GASTALDO, Édison. **Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas**. Esporte e sociedade. N3. p. 1-16, 2006.

GRANDÃO. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

MILTON, Santos. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito Além do Espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 8 nº. 16, 1995, p. 279-290.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 5, n 10, 1992, p 200-212.

SELHORST, João Uberto. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014.

SILVA, José Carlos da. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014 B

SILVA, Maria Aparecida da. **Entrevista concedida a Elton Alves da Cunha**. Rolim de Moura, 2014 A.

TOMAZI, Nelson. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.